

PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER EM UMA CLÍNICA INTEGRADA

Karyme Lucila JABRA¹Roselma Marcele da Silva Alexandre KAWAKAMI¹¹Docente do curso de Enfermagem do Centro Universitário de Várzea Grande (UNIVAG)

Palavras-chave: Violência Sexual. Violência Contra a Mulher. Enfermagem. Saúde da Mulher.

INTRODUÇÃO

É classificada como violência contra mulher qualquer ação ou omissão que gere situações de violência física, psicológica, sexual, patrimonial ou moral (CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA, 2017).

Em março de 2015 foi sancionada a Lei 13.104/2015, a Lei do Feminicídio, que caracteriza como crime hediondo e com agravantes na qual ocorre em condições específicas de vulnerabilidade, a agressão à mulher no ambiente doméstico e familiar, identifica descaso ou discriminação à condição de mulher, qualificando crime por razões de condição do gênero feminino (WAISELFSZ, 2015).

A tipificação e a construção de políticas afirmativas em defesa das mulheres e a formalização das redes de atendimento e apoio a estes casos são avanços técnicos, éticos e políticos que precisam ser decodificados para chegar como informação possível de ser acolhida pela população.

A enfermagem possui um papel muito importante na educação em saúde da população e na abordagem de questões como esta no atendimento às mulheres. Baptista *et al*, em estudo que investigou a assistência de enfermagem à violência sexual, revelou que 74,1% das enfermeiras de unidades básicas de Campina Grande, PB, Brasil, tinham bloqueio para questionar se a mulher já havia sofrido violência doméstica/sexual (BAPTISTA *et al*, 2015).

Propiciar ao acadêmico de enfermagem a atuação na construção do conhecimento sobre violência contra a mulher é necessário, pois, favorece a reflexão a cerca das vulnerabilidades femininas frente à construção social do papel da mulher, das relações de gênero e dos desafios dessa temática para a enfermagem.

OBJETIVO

Descrever a experiência de acadêmicos de enfermagem numa intervenção educativa acerca da violência contra a mulher na recepção de uma clínica escola integrada.

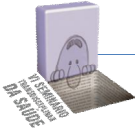
Descrição metodológica

Trata-se de um relato de experiência sobre uma intervenção educativa sobre a violência contra mulher na recepção de uma clínica escola integrada, realizada pelos acadêmicos do curso de enfermagem do UNIVAG Centro Universitário. A atividade foi idealizada para demarcar a comemoração do dia 8 de março, dia internacional da mulher. A atividade ocorreu das 13 às 17 horas e envolveu acadêmicos de outros cursos da instituição, sendo eles: serviço social e nutrição. O público alvo eram os clientes da recepção que aguardavam atendimento.

A Clínica Integrada do UNIVAG Centro Universitário recebe em média 1000 pessoas para atendimento em diversas áreas da saúde: fonoaudiologia, fisioterapia, educação física, serviço social, nutrição, medicina, odontologia, enfermagem, estética e psicologia. O sexo e idade dos presentes era bastante diversificada, no momento da intervenção haviam em média 70 pessoas aguardando atendimento. As estratégias pedagógicas adotadas foram: cartazes com ilustrações e frases de efeito, dramatização sobre as formas de violência e a explanação oral acerca das redes de atenção a mulher vítima de violência.

Após a execução da intervenção educativa, foi realizada roda de conversa entre discentes e docentes para discutir o aprendizado e potenciais da ação e para elaboração de relatório da atividade na intenção de informar o resultado à coordenação da clínica integrada. Esta ação compõe um projeto de extensão que envolve ainda o curso de psicologia, que não pode participar do evento naquela data e hora, e que irá realizar diferentes abordagens sobre a violência contra a mulher quinzenalmente durante o período letivo (SOUZA *et al*, 2015).

RESULTADOS



A experiência de dramatizar sobre violência contra a mulher no ensino e aprendizagem possibilitou aprendizado significativo para os alunos, uma vez que essa metodologia ativa promove o discente à condição de protagonista do saber. Dessa forma, tornou-se produtiva a atividade de enfrentamento a violência contra a mulher, favorecendo tanto a clínica integrada quanto ao público ouvinte.

Os acadêmicos foram criativos e inovaram nas cenas criadas por eles, fomentado nas pessoas a reflexão sobre a importância de prevenir esse problema de saúde pública. Compartilhar com as pessoas presentes, informações sobre a rede de atenção a mulher vítima de violência foi de suma importância para informá-las e explorar o conhecimento teórico do aluno. As cenas apresentadas foram marcantes, o roteiro abordou as principais formas de violências: psicológica, moral, física e sexual.

Após a dramatização, em roda de conversa com docentes, os alunos discursaram sobre as reflexões e análises da atividade. Eles observaram que a temática teve recebido maior atenção das pessoas do sexo masculino, demonstraram-se mais atentos, as mulheres estiveram mais dispersas, o que levou os alunos a refletir sobre o aparente desconforto das mesmas diante da cena. Teriam vivenciado situações como aquela? Ficou evidente a carência de informação acerca do tema, no que tange às diferentes formas de violência, mais ainda no que se refere às informações sobre a rede de atenção às mulheres vítimas de violência. Para os alunos a atividade foi significativa, eles fizeram autoavaliação em roda de conversa e consideraram um momento de aprendizagem significativo, reconhecendo a importância de entender as redes de atenção para em momentos futuros poderem auxiliar as pessoas que necessitaram de atendimento. Além disso, nota-se que abordar o tema violência levou os alunos a refletirem sobre suas próprias experiências, durante a avaliação da intervenção realizada algumas alunas expressaram vivências pessoais e puderam encontrar no grupo da turma apoio emocional para lidar o enfrentamento.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o uso de metodologias ativas são importantes para o processo de ensino-aprendizagem no curso de enfermagem e para a abordagem de temas considerados como tabu. Os discursos dos alunos mostraram que para enfrentar a violência é preciso abrir espaços para discutir a temática de forma livre. As redes de atenção a saúde ainda são pouco conhecidas pelas pessoas.

REFERÊNCIAS

- CONSELHO NACIONAL DE JUSTIÇA. O Poder Judiciário e aplicação da Lei Maria da Penha. Brasília, 2017. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2017/10/ba9a59b474f22bbdbf7cd4f7e3829aa6.pdf>> Acesso em: 02 nov. 2017.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2015: Homicídio de Mulheres No Brasil**. 1ª ed. Brasília: ONU Mulheres, 2015. Disponível em: <www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015.pdf>. Acesso em: 04 set. 2017.
- BAPTISTA, Rosilene Santos, et al. Violência sexual contra mulheres: a prática de enfermeiros. **Revista RENE**, Fortaleza, v. 16, n. 2, 2015. Disponível em: <http://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/12654/1/2015_art_rsbaptista.pdf>. Acesso em: 04 set. 2017.
- SOUZA, Marilei de Melo Tavares e, et al. Cartilha Dramatização: Um Produto Técnico-Educativo. **Journal of Research Fundamental Care Online**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 4, 2015. Disponível em: <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/5029/pdf_1750>. Acesso em: 04 set. 2017.